

1419 CHRONICLE

Nations also have symbolic dates. In the case of Portugal, one of these dates is 1 July 1419. On that day, a work began to be written which, for that reason, would become known as the "Chronicle of Portugal of 1419", or simply the "1419 Chronicle". It was the first time that a chronicle was written specifically for Portugal. Before that, the history of the kingdom was conceived as part of the history of the Iberian Peninsula (or of Spain, as the whole of the Peninsula was called at the time), or was dedicated solely to the deeds of a given king, monastery or lineage.

This important innovation took place in a specific historical context. At the end of the 14th century, the opposition of various sectors of the kingdom to a possible union with Castile gave rise to a revolutionary political process that led to the elevation to the throne of King John I, master of the Aviz order and illegitimate son of King Pedro. This was the beginning of the Aviz dynasty, which would reign during the 15th and 16th centuries, traditionally considered one of the most glorious periods in Portuguese history. As often happens in revolutionary periods, the victors tried to (re)write history, creating an image of rupture with the past. Though not without some irony, the chronicler Fernão Lopes summarised these changes by claiming that the seventh age of the world had begun with King John I. One of the main instigators of these ideas was King Duarte who, before becoming king (in 1438), signed documents as "We, the Prince". It was precisely King Duarte who commissioned the writing of the 1419 Chronicle, including the self-recognition: "We, the Prince, made this chronicle." It is highly probable that the material authorship of the Chronicle is indeed the work of Fernão Lopes, one of the most brilliant Portuguese writers of all time, and who would be named first chief chronicler of the kingdom by King Duarte himself some years later.

The subject of the 1419 Chronicle covers a time period of just over 250 years, from the time of Count Henry (at the end of the 11th century) to the reign of King Afonso IV (1325-1357). More than a chronicle of the deeds of the kings of Portugal, it is a chronicle of all remarkable deeds that took place in Portugal, whether they were the direct responsibility of the monarchs or not. As was customary at the time, the chronicler made use of numerous narrative sources: chronicles, individual accounts, celebratory poems of certain events and so on. Almost all the pre-existing Portuguese historiographical material known today, written in vernacular or in Latin, and much of it lost forever, was used by him. However, revealing an uncommon methodology for the time, the chronicler also made use of numerous documentary sources: papal bulls, peace treaties and letters of various kinds. Indeed, the account of the reign of King Afonso IV is mostly constituted by a transcription or summary of letters exchanged between the kings of Portugal and Castile, popes and other figures. The chronicler does not limit himself to copying all these sources; on the contrary, he subjects them, explicitly or implicitly, to criticism, omissions, displacements, juxtapositions, rewriting or commentary as and when he pleases. "It is with great delight and care that we work to uncover the truth about each of the deeds contained in this book," the author tells us at a certain point. Many famous episodes of Portuguese history are contained in the pages of this chronicle, some of which are presented in their oldest form known today: the conquest of the Algarve by the order of Santiago (Saint James of the Sword) and King Afonso III; the civil war between the supporters of King Sancho II, the deposed king, and King Afonso III; or the creation of the order of Christ, for example. Among them, there are also several legendary or semi-legendary episodes: the battle of Ourique; the adventures of the knight Fuas Roupinho, supposedly the first Portuguese admiral; and the sieges of Coimbra and Celorico da Beira at the hands of the troops of King Afonso III are some such examples.

The fate of this work was somewhat enigmatic. Unlike other chronicles commissioned by the crown in the 15th century, the 1419 Chronicle was not lavishly copied with illuminations and on parchment of the highest quality. Even so, it was copied throughout the ages (2 full and 3 fragmentary copies exist) and was the main source of several later chronicles. As such, Portuguese understanding of the nation's earliest beginnings was for many years based on the text of this chronicle. It is not surprising, therefore, that several historians, poets (Camões, of course!), playwrights, painters and artists have found inspiration in the Chronicle, directly or indirectly. It may even be said that, without this chronicle, our national mythology could be quite different today.

Dados Técnicos / Technical Data

Emissão / Issue
2019 / 10 / 28

Selos / stamps
C0,53 - 100 000
C0,91 - 100 000

Design - Eduardo Aires

Créditos / credits
Selos / stamps
Manuscrito 886 da Biblioteca Pública Municipal do Porto

Agradecimentos / acknowledgements
Câmara Municipal do Porto
Biblioteca Pública Municipal do Porto

Tradução / translation
Kenniss Translations

Papel / paper - FSC 110 g/m2
Formato size
Selos / stamps: 80 x 30,6 mm
Picotagem / perforation
12^{1/4} x 12 e Cruz de Cristo / and Cross of Christ
Impressão / printing - offset
Impressor / printer - Cartor
Folhas / sheets - Com 25 ex. / with 25 copies

Sobrescrito de 1.º dia / FDC
C6 - C0,56

Pagela / brochure
C0,85

Oblições do 1.º dia em
First-day Cancellations

Loja CTT Restauradores
Praça dos Restauradores, 58
1250-998 LISBOA

Loja CTT Município
Rua Gonçalo Cristovão, 136
4000-999 PORTO

Loja CTT Zarco
Av. Zarco
9000-069 FUNCHAL

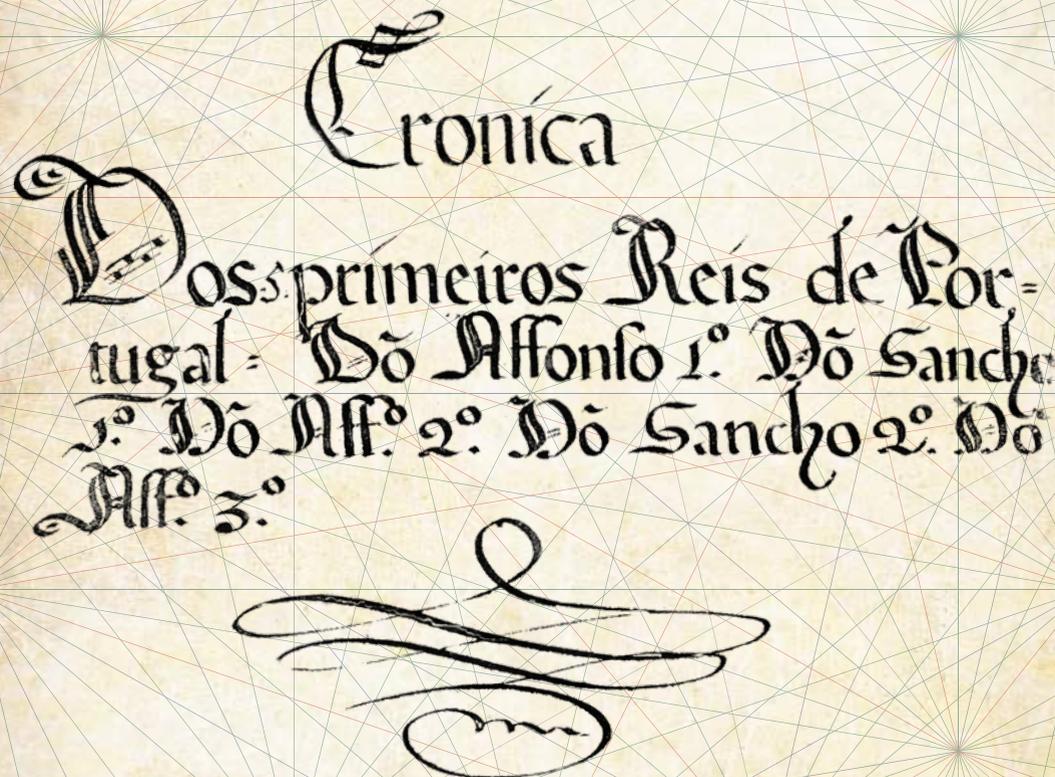
Loja CTT Antero de Quental
Av. Antero de Quental
9500-160 PONTA DELGADA

Encomendas a / Orders to
FILATELIA
Rua João Saraiva, 9
1700-248 LISBOA

Colecionadores / collectors
filatelia@ctt.pt
www.ctt.pt
www.facebook.com/Filateliactt

O produto final pode apresentar pequenas diferenças.
Slight differences may occur in the final product.

Design: MAD Activities
Impressão / printing: Futuro, Lda.



CRÓNICA DE 1419

Crónica de Portugal de 1419

As nações também têm datas simbólicas. No caso de Portugal, uma dessas datas é o dia 1 de julho de 1419. Nesse dia, começou a ser redigida uma obra que, por essa razão, ficaria conhecida como «Crónica de Portugal de 1419», ou simplesmente «Crónica de 1419». Era a primeira vez que se escrevia uma crónica especificamente dedicada a Portugal. Antes disso, a história do reino era concebida como parte da história da Península Ibérica (da Espanha, como então se designava a totalidade da Península), ou dedicava-se unicamente aos feitos de um rei, de um mosteiro, ou de certas linhagens.

Esta importante inovação tem um contexto histórico preciso. Nos finais do século XIV, a oposição de diversos setores do reino a uma possível união com Castela originou um processo político de tipo revolucionário que conduziu à elevação ao trono de D. João, mestre da ordem de Avis e filho ilegítimo do rei D. Pedro. Assim se inaugurava a dinastia de Avis, que reinaria durante os séculos XV e XVI, época tradicionalmente considerada uma das mais gloriosas da história portuguesa. Como habitualmente acontece em períodos revolucionários, os vencedores trataram de (re) escrever a história, criando uma imagem de rutura com o passado. O cronista Fernão Lopes, embora não sem alguma ironia, sintetizou estas mudanças dizendo que com D. João I começava a sétima idade do mundo. Um dos principais instigadores destas ideias foi D. Duarte, que antes de se tornar rei (em 1438) assinava os documentos como «Nós, o Infante». E foi precisamente D. Duarte quem encomendou a redação da Crónica de 1419: «Nós, o Infante, fizemos esta crónica», aí se lê. É muito possível que a autoria material se devesse ao próprio Fernão Lopes, um dos mais geniais escritores portugueses de todos os tempos, e que o mesmo D. Duarte tornaria, alguns anos depois, o primeiro cronista-mor do reino.

A matéria da Crónica de 1419 abrange um lapso temporal de pouco mais de 250 anos, desde a época do Conde D. Henrique (final do século XI) até ao reinado de D. Afonso IV (r. 1325-1357). Mais do que uma crónica dos feitos dos reis de Portugal, trata-se de uma crónica de feitos notáveis acontecidos em Portugal, fossem ou não da responsabilidade direta dos monarcas. Como era então habitual, o cronista socorreu-se de numerosas fontes narrativas: crónicas, relatos avulsos, poemas celebrativos de determinados

eventos. Quase toda a produção historiográfica portuguesa anterior hoje conhecida, escrita em vernáculo ou em latim, e ainda muita que para sempre se perdeu, foi por ele aproveitada. Porém, e revelando nisto uma metodologia não muito frequente à época, o cronista socorreu-se também de numerosas fontes documentais: bulas papais, acordos de paz, cartas de vários tipos. O relato do reinado de D. Afonso IV é mesmo maioritariamente constituído pela transcrição ou resumo de cartas trocadas entre os reis de Portugal e de Castela, papas e outras figuras. O cronista não se limita a copiar todas estas fontes; pelo contrário, sujeita-as, explícita ou implicitamente, à crítica, omitindo, deslocando, justapondo, reescrevendo ou comentando quanto e quando lhe apraz. «Porém, nos, com diligência e cuidado, trabalhamos de saber a verdade de cada hũa das cousas conteudas em este livro», diz-nos ele a dado passo. Episódios célebres da história portuguesa perpassam pelas páginas desta crónica, alguns dos quais têm nela a forma mais antiga hoje conhecida: a conquista do Algarve pela ordem de Santiago e por D. Afonso III; a guerra civil entre os partidários de D. Sancho II, o rei deposto, e de D. Afonso III, ou a criação da ordem de Cristo, por exemplo. Entre eles, também há vários episódios lendários ou semilendários: a batalha de Ourique, as aventuras de D. Fuas Roupinho, suposto primeiro almirante português, os cercos de Coimbra e de Celorico da Beira pelas tropas de D. Afonso III são alguns desses casos. Foi algo enigmática a posteridade desta obra. Ao contrário do que sucedeu com outras crónicas patrocinadas pela coroa no século XV, da Crónica de 1419 não se fizeram cópias luxuosas, com iluminuras e em pergaminho da melhor qualidade. Mesmo assim, ela foi sendo copiada pelos tempos fora (existem 2 cópias extensas e 3 fragmentárias), e foi a fonte principal de várias crónicas posteriores. Por isso, a versão dos primórdios da história nacional que, durante muito tempo, os portugueses conheceram teve por base o texto desta crónica. Não é, assim, surpreendente que diversos historiadores, mas também poetas (Camões, desde logo!), dramaturgos, pintores e artistas plásticos se tivessem nela inspirado, direta ou indiretamente. Pode mesmo dizer-se que, sem esta crónica, outra teria sido a nossa mitologia enquanto povo.

Filipe Alves Moreira

